

## APRESENTAÇÃO

A tragédia que tem assolado o mundo nestes últimos meses remete-nos, inevitavelmente, para momentos de introspecção sobre as nossas vidas, sobre o presente e o nosso futuro. Teremos, com certeza, mais em conta a nossa relação com os outros e com a natureza. Talvez a literatura e a cultura, em geral sejam, agora, pontos de referência e bússolas do nosso pensamento e acção...

Ao longo da nossa vida marcamos o nosso espaço, ao nível do amor e da família, do lugar onde nascemos e vivemos e das relações que estabelecemos, sejam elas de ordem profissional, de amizade ou outras... somos seres únicos com querer e afirmação singulares e, no entanto, por vezes parecemos apenas um consumidor, um paciente ou um eleitor na confusão de “rebanhos” de massas, uma incógnita na amálgama da multidão indiferenciada.

A palavra escrita continua a ser um registo fundamental para afirmarmos o nosso eu específico, a nossa soberania individual de pensamento e de ideias. E é tão simples esta demonstração: uma história, um relato de uma viagem, a descrição da leitura de um livro, de um encontro, de uma paixão, de um filme, ou da nossa afirmação sobre uma qualquer questão que nos implica enquanto seres de um mundo que também nos pertence que também devia ser de nós.

Neste contexto, a Colibri decidiu convidar diversos autores a participar nesta Antologia que agora vem a público.

Como seria de esperar, o tema preferido por cada um nunca poderia constituir uma unidade temática, dadas as premissas lançadas, e cada qual participou livremente expressando o seu sentir e as suas preocupações presentes e futuras.

De forma muito explícita transparece o mundo vivenciado e de experiências feito em quase todos os participantes, onde o regresso à meninice, à adolescência e à juventude de cada um são constantes, assim como a revolta, em alguns deles, pelas injustiças ou pelos caminhos da história que alterou drasticamente sonhos e projectos de vida. Numa análise sucinta, destacaríamos temas e questões abgordados nesta obra:

– África está presente revelando quanto ainda pesa sobre nós, no nosso consciente ou subconsciente, esse continente de que fizemos parte durante quase cinco séculos.

– A geração de 60/70, de nobres ideais que alertaram para os problemas ambientais *avant la lettre*, numa luta de uma vida, constante, literária e pedagógica, mas também, As viagens, os livros e o cinema. A participação política e cívica no empenho sem tréguas onde a utopia esteve e estará sempre num horizonte próximo. (**António Eloy**)

– O menino-órfão que se fez homem e cidadão, empenhado na causa pública da sua terra, contribuindo decisivamente para o seu desenvolvimento e para exemplo de valores intemporais da humanidade. A sua atitude de independência ante poderes e influências e de homem de trato simples e fraterno mantém-se, como um exemplo singular. (**Carolino Tapadejo**)

– As preocupações pela indiferença política face aos mais desvalidos da sociedade – inadmissível, na sua opinião, que franjas significativas da sociedade portuguesa continuem sem perspectivas de melhoria de vida, quase 50 anos depois do 25 de Abril de 1974. (**Celino Neves**)

– As agruras de uma professora do Ensino Primário, durante o “Estado Novo”, e as interferências da Polícia Política na sua actividade pedagógica instigando o medo e condicionando os seus projectos; num segundo texto, brinda-nos com um conto relacionado com teatro amador e ligado a familiares seus. (**Leonoreta Leitão**)

– O canto de intervenção, com destaque para Adriano Correia de Oliveira e José Afonso, e o quanto a poesia e a música foram decisivas para a consciência política dos jovens militares que deram origem ao

25 de Abril e à instauração da Democracia e da Liberdade. (**Fernando Mão de Ferro**)

– A experiência da morte e as interrogações chocantes de um menino face à ausência da companhia e do abraço do avô. As reacções e o comportamento da criança são analisados tendo como referência a obra de Freud, *Para Além do Princípio do Prazer*. A Filosofia e a Psicanálise presentes em dois momentos dramáticos da história da humanidade – 1920 e 2020. (**Florinda Martins**)

– O inevitável confinamento (de muitos) leva-nos a uma observação mais atenta do mundo que está ao alcance do nosso olhar. Captamos esse mundo e integramo-lo em nós mesmos. Mas, teremos esse direito? A resposta é difícil. A apropriação pode não ser eticamente aceitável, mas que fazer quando um gato vadio se apodera de nós e do nosso bem-querer por ele e se tornam preocupantes as suas ausências – em causa o bem-estar animal, a sua liberdade e a nossa interacção com a natureza. (**Isabel Marçano e Teresa Clemente**)

– França, ainda em 1968, mas já depois de Maio, onde a paz era total em Paris. A convivência com vários estudantes de diferentes origens, acompanhando, pela TV, o fim da “Primavera de Praga”... Experiências históricas inesquecíveis. Sainte Catherine de Fierbois ficará para sempre presente na memória, agora revivida com um conto onde se realça o inevitável e urgente olhar humano sobre a natureza e a salvaguarda das espécies. (**J. A. David de Morais**)

– O inconformismo da vida na grande cidade por contraponto a uma infância repleta de sonhos, em comunhão com a família próxima e os sons da natureza. A recordação presente desses tempos de infância, agora revividos através da pintura e da escrita para as crianças, numa linguagem simples e de entendimento fácil para todos, veiculando o amor, a justiça e a ética da relação entre os seres humanos e a natureza. Aqui descreve Rita, que não tinha família “mas fazia parte da nossa...”). (**Eugénia Oleastro**)

– Todos os sonhos eram possíveis ali, no Lubango (Angola), onde meninos brancos e negros brincavam. A cidade era bonita e, quiçá, aco-

lhedora. Era pertença de vidas, cheiros e cantos de aves próximas. Havia guerra, mas os canhões troavam longe... de súbito ao virar da esquina, a menina pressentiu o medo. A fuga pela sobrevivência, o desembarque num país estranho aos seus costumes e hábitos. Um mundo desconhecido que a literatura, em parte, redime... (**Maria Gabriela Ludovice**)

– A nostalgia dos tempos que não voltam. O receio da solidão que a pandemia impõe. A reflexão sobre a vida, a ausência de amor e da solidariedade social. A Filosofia é um método de reflexão e de conhecimento do mundo e não panaceia contra os males de que o mundo padece, por isso, no presente, não pode trazer-nos conforto. A imaginação e o pensamento em confronto com a realidade. (**Otilina Silva**)

– No caminho percorrido (pela investigação e pelo conhecimento) em vários congressos e conferências, simpósios e colóquios, em múltiplas latitudes, aguardava-a uma surpresa – “he is a gentleman”. O “gentleman” era do seu torrão pátrio, e do “vou enviar-lhe um ramo de flores” à esquiva resposta de “nem pense” sucedeu-se o afecto, a paixão e o casamento. (**Raquel Gonçalves**)

Inevitável! A nossa Antologia termina com uma história de amor entre cientistas. Para o bem e para o mal, temos as nossas vidas suspensas pela sua capacidade de controlar e inverter os malefícios do vírus que nos atormenta. Que o amor e a ciência sejam também antídotos para os venenos destilados por forças do passado que tentam intoxicar as sociedades do nosso tempo.

Fernando Mão de Ferro  
29 de Novembro de 2020

# ÍNDICE

Apresentação.....	VII
... De rastos	
<b>António Eloy</b> .....	1
O menino órfão	
<b>Carolino Tapadejo</b> .....	19
Mensagens em prol da erradicação da pobreza	
<b>Celino Augusto Vilela das Neves</b> .....	35
O <i>cantar</i> da liberdade – a poesia e a música de intervenção	
<b>Fernando Mão de Ferro</b> .....	53
... Afinal o corpo também foi para o céu	
<b>Florinda Martins</b> .....	65
Amor Inacabado – Uma breve estória de amor, economia familiar e animal em tempos de pandemia	
<b>Isabel Marçano (Dir./Org.) e Teresa Clemente</b> .....	79
O Eremita	
<b>J. A. David de Morais</b> .....	91
As minhas vivências com a PIDE	
<b>Leonoreta Leitão</b> .....	105
O insustentável azul violácio	
<b>Leonoreta Leitão</b> .....	109
Doce lembrança do passado	
<b>Maria Eugénia Oleastro</b> .....	119
Dos Trópicos e não Trópicos	
<b>Maria Gabriela Ludovice</b> .....	123
Medo e solidão, eis a questão	
<b>Otilina Silva</b> .....	137

Quem sou? O que procuro	
<b>Otilina Silva</b> .....	143
Interferência construtiva	
<b>Raquel Gonçalves-Maia</b> .....	149

## ... DE RASTOS...

António Eloy\*

### ROMEIRO, ROMEIRO, QUEM ÉS TU?

ESSA FRASE NO FREI LUÍS DE SOUSA, da Almeida Garrett, perseguia-nos no liceu. Romance de uma moral, já então, serôdia e algo decadente. Nada que desse estímulo à adolescência...

Eu sou um libertário na linha de Cornelius Castoriadis, e um defensor da acção política não violenta no quadro de democracias liberais.

E como dizia um dos personagens de Raymond Chandler “deixo os meus dedos ...”, e aqui na Colibri tenho uma boa parte deles, livros

---

\* Como F. Pessoa “Não sou nada”

Fui o assobio que irrompeu na prisão de Pamplona na transição

Fui o braço agarrado por mão a tremer depois de enfrentar o poder e ouvi  
“António, agora vamos ser presos?”

Fui a voz vaiada e depois aplaudida na Voz do Operário

Inventaram-me tempos e modos e também estive, muitos momentos,  
em sítio nenhum e noutro

Afoguei-me em muitas lágrimas, muitas hoje perdidas, mas guardo o sal

Estive a jantar no Palácio de Versailles com um Presidente da República

E ainda me lembro de jogar ao berlinde, ao palmo e ganço

E outras coisas, reais ou inventadas que estão neste texto ou noutros, ou noutras notas biográficas desses, sendo que já não tenho mais dedos, esses ficam em todos os delitos de que me responsabilizam.

que podem encontrar no catálogo, graças à amizade do Fernando e da sua simpática equipa.

Noutras editoras, a Esfera do Caos, e também nalgumas mini-micro e mesmo desaparecidas, também tenho algumas obras, sozinho ou em colaboração já ultrapassei a meia centena.

Por estes contos, passam real ou ficcionadas mas não mentirosas, muitas aventuras, muitos momentos, bastantes viagens, porque o espírito é o maior viajante.

Não esqueçam que não há escritas inventadas, todas, mesmo todas têm um substracto, uma *id*, como diria Freud, onde se estruturaram, a partir do qual foram construídas. Desconfiem do escritor que diz que foi por obra e graça de inspiração (divina?) que escreveu isto ou aquilo. Leituras, relações, vivências e a imaginação que surge a partir daí com muito trabalho e dor, e ou prazer, que também pode passar por esse sentimento.

Mas voltemos ao romeiro, que foi, este, trabalhador agrícola, para ganhar a vida em vindimas, mas antes numa ideia de alteração da relação entre as lógicas de produção e a propriedade, onde verifiquei o fiasco das ocupações de terra, que mantinham o sistema agrícola só com mudança da posse da mesma. Foi professor no particular e público nos vários níveis, secundário, formação e universitário. Fez consultoria a diversas grandes empresas, na área do planeamento, do urbanismo, da cultura e das energias. Conferencista em muitos locais, pelo país e a nível mundial. E jornalista, ou melhor escrevente em muitos jornais e publicações e remunerado em muitos casos, desde que o povo teve voz. Voz do Povo também fui em representação, 3 mandatos na vereação de Lisboa e um de deputado municipal em Barrancos.

Hoje dinamizo uma recolha de informação: <https://obseribericoenergia.pt/index.php>

em voluntariado, e procuro, procuro mesmo!, novas formas de ganhar suor com o pão que consigo amassar. Se houver algures quem saiba de onde se encontra o buraco da agulha faz favor, que com imaginação daremos conta do tal reino.

E o romeiro continua de viagem.

## POR AQUI PASSEI

Onde começa a realidade acaba o sonho, esta frase paradoxal inundou-me a cabeça como se fosse um *haiku*. Um golpe *zen* a iluminar a vida como por vezes me ocorria.

Estruturar uma lógica dar-lhe dialéctica, desenvolver articulações e construir sentido tem sido o que vezes sem conta tenho procurado fazer.

Discursar, perorar, guturalizar expressões em sequência e nesse le-xigrafar compreensão, compreensões ou só percepções que ajudem a mais pensamento.

Nada como regressar ao passado e a partir desse descobrir o de hoje, cheio de contradições e reconstruções imaginadas do que se passou.

Há momentos que, todavia, não passam ficam presentes para sempre, normalmente acicatados pelo que Freud diria ser o retorno de reprimido. Esses são os tempos congelados, essa é a realidade que ficou, também, no sonho, onírica e cristalina.

Andei à boleia por diversos países da Europa, e em África fiz de conta, porque no final apresentaram-me a conta.

Escrevi um livro, hoje sepultado entre a papelada, era o meu “On the Road”, que partilhei com um americano no início dos anos 70, num comboio de mercadorias que tínhamos “assaltado” entre Vitória e Valladolid, onde enquanto bebíamos um chá quente improvisado num fogão miniatura, e lhe dei a notícia que Jack Kerouac já tinha morrido. Tirou do bolso uma peteca de uísque e bebemos, com o chá.

Nesse livro contava, era o que contava mais nesses tempos, amores e desamores mas também aventuras e desventuras. Algum dia dar-me-ei ao trabalho de o procurar. Ao contrario dos de muitos escritores hoje por acá famosos não era um plágio descarado! Ou uma imitação de outras aventuras inventadas.

Contava certamente as boleias mais extravagantes, como quando pelas 3 da manhã perto de Carcassone um emigrante marroquino

com um cão enorme me tomou. Teria sido sem história não fora ter que fazer o canídeo resvalar no estrado traseiro no carro sempre que ele se aproximava, acho que gostava de orelha e a primeira vez que se chegou a mim abocanhou-a. E não esquecia quando 4 mastodontes, mas mesmo!, me fizeram subir a um carro pequenino e... bom safei-me pelo meio do mato... um homem novo.

Claro que houve outros incidente e acidentes, mas deixarei para outro momento, que esse vão-se colando uns aos outros e espairando-se pelo tempo.

## **BALEIAS E OUTRAS COISAS BONITAS**

**T**enho, desde que no 25 de Novembro em vez de ir para o Ralis ou sabe-se lá onde me enfiar em casa com o René Dumont, a ler o premonitório “L’utopie ou la mort”, que já tinha identificado na Av. da Liberdade, na sede o Movimento Ecologista Português (nada a ver com uma criação, sem pais reconhecidos oficialmente, posterior) do Afonso Cautela, que conheci mais tarde numa livraria sua ao Conde Barão.

Pois foi essa leitura que me deu, completou, a volta que precisava.

Acompanhei outras políticas, P.P.M., U.E.D.S., M.P.T., como antes já tinha feito pelo M.E.S., ainda N.E.I.P. (Nucleos Estudantis Intervenção Política), e até os G.D.U.P.s, e todos, mas todos acabei com propostas de dissolução, que tiveram sempre fartos apoios, mas só no M.E.S. (e antes na L.U.A.R.) foi efectiva\*. Num desses num congresso (M.P.T.) com 18 pessoas a minha proposta de dissolução organizada teve 7 votos e 3 abstenções. Sobre o que continuou, dispenso comentários, sendo que esses 8 bem arrependidos estão hoje.

Mas o que queria era falar de baleias. Andei pelas Instituições internacionais a defendê-las (na Comissão Baleira Internacional estive como observador) e cá em Portugal com gente dos Açores (na Madeira já tínhamos tido sucesso!) pressionava as autoridades e fazíamos pressão e esclarecimento para a sua protecção, a do cachalote, que merece um capítulo de um livro “Navegar é Preciso” editado pela Colibri.

Defendíamos, o que hoje é um enorme sucesso, articulado com a recuperação das fábricas (reliquias industriais espantosas) e dos utensílios e locais da caça baleeira, defendíamos o Whale Watching, Observação Baleeira, (embora julgue que são necessárias regras mais estritas sobretudo para não perturbar estes soberbos mamíferos em épocas de acasalamento e criação) que tem desenvolvido um turismo de qualidade que deve continuar limitado e respeitador da natureza.

E antes de ter chegado à direcção da Liga para a Protecção da Natureza, Luiz Saldanha, um homem ligado à biologia marinha, eu e alguns companheiros, sócios da L.P.N. fomos à Assembleia Geral e apresentámos uma proposta para a L.P.N. sair da sua letargia e apoiar as campanhas pelo fim da actividade baleeira nos Açores, que era ilegal do ponto de vista internacional (Portugal não fazia parte da International Whaling Commission, que estabelecia as quotas de caça) desastrosa do ponto de vista económico (só se aproveitava o óleo para actividades marginais) e irrelevante do ponto de vista social (já ninguém vivia exclusivamente dessa).

Houve vigorosa discussão. No dia seguinte havia meia dúzia de demissões, com o apoio de alguns tubarões, o Presidente da Assembleia Geral tinha conseguido que não se votasse a moção.

Continuamos a ouvir o canto das baleias, infelizmente há organizações que nunca se conseguirão limpar do seu passado...

A L.P.N. viria a nesses tempos fazer um estudo para a E.D.P. (ou uma sua antecessora) onde indicava “Onde não se devem construir Centrais Nucleares em Portugal”, para bom entendedor...

Mas, com o tempo também outros directores de grande qualidade e ética assumiram essa mastodôntica instituição, para eles a minha amizade, contra os factos.

Muito haveria para contar sobre estruturas que ficaram no tempo, onde as nossas vidas evoluíram, agora que o passado nos dá sobre elas a visão da águia sobre o coelho na pradaria. Nada no, do passado é tábua rasa. De todos os momentos a partir dele ligamos com a agulha do presente o futuro que sonhamos.

\* Bem sei que sobre os existentes não vale a pena dizer mais nada, estão mortos há muito, o P.P.M. e o M.P.T., mas ainda ninguém lhes disse. O M.E.S. e a L.U.A.R. eram dois movimentos, o 1.º chegou a ser partido, a L.U.A.R. dissolveu-se no único congresso que realizou. Por ela passaram verdadeiros heróis!

Pelo M.E.S. alguma da nossa fina flor intelectual e política! Alguns desses recruzamo-nos na U.E.D.S. (cisão do P.S. que se juntou com muitos desavindos de esquerda). O G.D.U.P.s foram grupos de poder popular, que bebiam o que restava de estruturas de base dos movimentos acima mais os maoístas, que já tinham tido cerca de 10 partidos/movimentos, todos cisões uns dos outros, e que apoiaram a 1.ª candidatura presidencial de Otelo.

Posteriormente com os trotsquistas (uma parte de muitas cisões também, como se dizia 2 trostkas 3 tendências), e outros ex-comunistas viriam a conduzir ao B.E.

Nada disto é simples, muitos sociólogos e também charlatães têm escrito sobre isso.

Finalmente os N.E.I.P.s eram os grupos estudantis (de grandíssima qualidade!) ligados ao M.E.S.

Confusos? Pois imaginem-se nesses tempos!

## NA FRONTEIRA DA PUBERDADE

**A**inda hoje recordo, acordar a suar por entre pesadelos, a minha mãe dizia que discutia comigo mesmo. Terá sido por volta do 25 de Abril. Os meus amigos, eu próprio marginalmente, haviam estado ligados ao MAEESL (1), dominado pelos grupos que queriam a reconstrução do Partido Comunista (hoje vemos que sempre houve muita loucura e inverosimilhança na nossa política) a que chamávamos os POPs, (viriam a dar num partido chamado PUP (2) e depois na UDP), mas no 25 de Abril esses meus amigos do liceu estavam ligados (cheguei a ir a uma reunião) ao MRPP (3), imaginem esses queriam reorganizar uma coisa que diziam nunca tinha existido! Loucura total.

Eu que tinha lido um “esclarecedor” e “assustador” livro do Lenine (vendido pelo bufo que geria a tabacaria ao pé do Liceu Pedro Nunes) “Democracia burguesa ou Ditadura do proletariado” (vivíamos nós noutra!) estava vacinado e o meu espírito liberal e libertário lutava pelas minhas amizades e contra esses absurdos, que dialéctica nenhuma conseguia explicar. As palavras não podem significar o que quem tem o poder quer.

Julgo que passados 2 ou 3 dias do 25 de Abril no 1500 (pastelaria que julgo, que muito modificada ainda existe!) dão-me um comunicado de surrealista, no pior, pior sentido mesmo, de um chamado comité Lenine (esse) a dizer que aquilo era uma luta entre facções da burguesia e tal e tal, a luta continua e nem mais um soldado para as colónias, com essa claro, claro! estava de acordo.

Embora um amigo ainda me tenha deixado uma resma de “Lutas Populares” para vender e uns trocos, no Rossio, garanto que o dinheiro foi bem empregue e como não havia papelões o lixo os levou.

Não esquecerei épicas discussões com o padrasto da minha avó Júlio Santos, tio do grande Ary, na feira do livro sobre o... Estaline, que provocaram ajuntamentos, e que ajudaram a formatar o meu húnus e evolução.

Tive, sempre muito jeito para criar discussão, conflitos, e confusão. Desses, a partir desses se estrutura o pensamento e se altera a prática social.

Mas era também tempo de sexo e drogas, e talvez rock and roll, talvez ou não, tema para outro conto, de reis...

1 – MAEESL – Movimento Associativo Estudantes Ensino Secundário de Lisboa

2 – PUP – Partido de Unidade Popular, ligado a um dos muitos Partidos Comunistas reconstruídos. Em Portugal, um jornalista do *Expresso* chegou a ser, talvez com o Marechal Costa Gomes, secretário geral de um desses, pró Kim e defensor de uma bizzarria chamada ideia Zuche, uma patranha mescla de taoísmo, marxismo e delírios do tal Kim. A UDP resultou da fusão de 7 ou 8 desses partidos reconstruídos!

3 – MRPP – Ainda me lembro de ir acordar o camarada Saldanha Sanchez à cantina Universitária, acordou logo com a matraca na mão. Mas o delírio ainda mais total foi quando o outro camarada, émulo do Pol Pot, tomou conta daquilo,

## RESISTINDO AO ROLO COMPRESSOR

Não confundamos a China com o Arizona, recomenda-nos um dos meus livros de referência – *Le petit prince*. As leituras são o que nos faz. Seja nas gravuras paleolíticas onde temos uma das primeiras leituras mágico-rituais ou as referências, marcos espacio-temporais, antas e menires que inclusivé ritualizam religiões e lógicas de ocupação de territórios, e que são um passo, também dado pelos nossos primos neardentais, na lógica da estruturação social.

Toda a representação é um passo no sentido da linearidade da comunicação, mesmo a que antecede qualquer das formas de escrita. E mesmo a oralidade e a sua transmissão é um tempo que se continua no espaço das memórias e da sua adaptação.

Os corpos, a linguagem gestual, a troca de olhares, os toques são, no sentido mais amplo formas de leitura. Só existe vida com essa.

Descobrir o seguimento das palavras, as que perseguem a que acabei de escrever, a sinuosidade dos discursos, a sua plasticidade e claro da leitura, escrita de onde resultam é um dos fascínios da humanidade. E um dos seus grandes problemas.

Voltamos, será que alguma vez nele não estivemos, ao tempo da grande manipulação. Hoje levada ao extremo pelas invenções, mentiras, deturpações que pululam por todas as formas de comunicação, do digital antes de qualquer outro, em que os logaritmos juntam, controlam, vigiam, moldam, orientam, com base num registo todas as nossas ideias, desejos, angustias, amizades e amores. E fornecem a base a quem com tal beneficia que até pode estar também presente noutras formas de comunicação, desde logo o audio-visual que participa no mesmo pathos, e a partir dessa, dominado pelas audiências,

que são fruto dessa manipulação ou auto-manipulação, reforçam o pensamento único.

Livros, livros, histórias, narrativas, ensaios, romances, contos, poesia, muita poesia, e outras formas de escrita, mesmo quando sem pauta e improvisadas obedecem a uma linha, como a música e nessa o jazz, e pintura que é a mais antiga forma descritiva, logo escrita. Por aí vamos, iremos, devemos resistir.

E claro pelo toque, pelos sentidos, e pelo convívio que é a partir de onde vamos encontrar as palavras que estruturam a realidade e onde lhe damos sentido.

E sem querer, ou não, que a vida é feita de paradoxos, chegámos ao copo ao petisco, ao momento em que nos fazemos, pois só existimos nessa relação que se gera, também e sobretudo se continua no tomai e comei, partilhado que resulta do trabalho, da domesticação de plantas e animais, desde que deixámos a irmandade de caçadores-recolectores, que todavia continuamos a ser, nos gestos, nos hábitos e na organização social, temperada com mais, muito mais empatia, que infelizmente esse pensamento único e uniformizado que o digital vai, tenta, impor reduz a uma lógica de signos matemáticos articulados em algorítmica.

Mas ninguém domina o voo da águia, ninguém controla o uivo do lobo, ninguém domina a força da água, ninguém detêm os raios do sol.

Resistiremos.

## PELA EUROPA

**R**ecordo o dia em que nos caixotes do lixo de um restaurante de 1.<sup>a</sup> encontrei uns suculentos pêssegos, 2 ou 3, com uma pequena mossa e que por tal tinha ido aí parar. Garanto-lhes que foram uma delícia caída do céu ou melhor do lixo.

Tinha ancorado em Amsterdão, por causa das miúdas e dos fumos, mas não esperava era no “sleep in” onde dormi deparar-me todo nú com bacanos e bacanas a dividir os chuveiros, saído de um país ainda a

viver do fechamento... imaginem. E depois com uns “hippies” em alegre patuscada num café... onde rapidamente me juntaram à partilha.

Foi um dos momentos de Europa que passei. Noutra estória menciono outros, passei momentos fantásticos.

Recordo quando vivi, três meses, num apartamento com vista para uma das praças mais bonitas do mundo, a Grand Place, em Bruxelas regularmente, se não me engano semanalmente!, tinha uma imagem nova e cheia de mundo. Aí percorri a noite e o dia, admirei os Magritte, e 3, 4 vezes por semana estava na cinemateca, visitava regularmente o teatro de marionetas, o Toone, sobretudo para passar e beber umas da abadia, e fazia política, para isso ali estava. Foi antes da adesão de Portugal (e Espanha) à então C.E.E. e deixei preparado um secretariado europeu de um dos, nesse tempo, principais grupos ecologistas mundiais, os Friends Of the Earth Internacional.

Estava, já nesse tempo, ligado ao Partito Radicale, de que era uma espécie de assistente no Parlamento Europeu. Tema para outra estória, noutro ambiente.

Durante anos, toda a universidade, que paguei com o trabalho nas vindimas em França, foi Paris o ponto de passagem anual. Livros, filmes, noitadas, os museus rituais, os cheiros, os “bouquinistes”, as sanduiches merguez, a rua de S. Denis, onde fui surpreendido por um vozeirão, do que me tinha parecido de uma “avantajada senhora” que disse para “outra” – ó x, isto hoje está mau para o negocio, em português e bem grosso!.

Um dos anos passei lá uma boa semana à conta dos telefones franceses, cada vez que ligava para casa saía da cabine com 15 ou 20 francos... já prescreveu...

Fui membro da direcção de 3 movimentos ecologistas europeus por 4 ou 5 vezes e percorri a Europa toda, fui detido em dois países (libertado sem mais, ao fim de umas horas ou dias) ou por insensatez ou por acção política, apaixonei-me ou não, e recordo com saudades gentes, encontros, momentos, e também intervenções...

Muitas vezes volto a um ou outro dos momentos zen, como um dia inteiro à saída de Carcassone, com o polegar inutilmente levantado,

ou outro numa fábrica de *whisky*, perto de Glasgow a provar, a provar, ou a visita a um espectacular museu privado na plaka em Atenas, e a companhia.

Conheci neste entretempo pessoalmente alguns dos mais relevantes homens e mulheres desta Europa, e do mundo, no seu tempo.

Tudo isto, aqui como se fora uma crónica de memórias, sobre um tema que podia, talvez ainda possa ser um projecto, não foram os vírus dos nacionalismos mais serôdios, os fanatismos mais obstrusos, os populismos mais negros, um projecto que vem do fundo dos tempos montado num toiro.

A Europa.

## UMA VERDADEIRA NAÇÃO

**E**sta sim, tem que ver com uma ocupação milenar do território, com uma mescla de povoamentos e origens, com traços identitários e culturais únicos, com falas e formas de as musicar consagradas, com especificidades inconfundíveis.

Podia estar a escrever, descrever Barrancos. Mas quero alargar esta identidade singular ao nosso Alentejo, de Nisa a Milfontes, de Mértola ao Alandroal.

São as terras do cante, que atenção é um erro dar-lhe carácter religioso, como já vi nalguns momentos, o cante é um canção de trabalho, de luta e também de festa e convívio. Não é uma canção de igreja como alguns aviltalhadores estão a promover, até em museus, onde este irá morrer.

São terras de solidariedades, em torno a uma copa e uma tapa ou petisco.

Tenho escrito muito sobre muitas das nossas terras, tenho-me empenhado em muitos dos nossos combates, tenho percorrido de lés a lés, e também à boleia... toda a nossa nação.

Sou como já mencionei contra o nacionalismo, o orgulho da pátria, o nós primeiro, o chocalho sem vaca. Este pode e deve estar num

museu mas no enquadramento sócio-cultural que esse sim deve ser base da identidade e valores que fazem outra nação, feita de histórias e não invenções como a do Viriato, há muito desmascarada mas que nos continuam a vender, assim com Aljubarrota.

A cultura, a continuidade do trabalho a partir da terra, a preservação dos passados, infelizmente muito destruímos para construção de uma barragem inadequada na sua dimensão e hoje com todos os problemas que na altura enunciamos, seja das estruturas de propriedade, das lógicas de mono-produção, da falta de qualidade das águas e o enterramento daquilo que conta aos registos da ocupação, o monumental castelo da Louza, tantos registos megalíticos ou a herança como o Convento do Alcance, com o da Tomina símbolos da única heresia registada em Portugal até ao século XIX. Seja essa o que seja, porque o herege é o que reconhece outro ou outra, coisa.

Pela cultura me envolvi nas terras templárias do nosso norte, onde há uma capela com desenhos que poderiam ilustrar o Decameron, e onde houve quem tentasse extrair morte dos solos. A luta contra a exploração do urânio em Nisa, que esteve a par da defesa de opções sustentáveis (se foram ou não seguidas é outra história...), baseadas nas riquezas, essas sim, da terra, os queijos e enchidos, os doces e as águas, as pedras rolantes do Arneiro, o agro, também com os cavalos lusitanos, as grandes rochas e monumentais paisagens...

Também andei por outros locais, onde tenho grandes ou pequenos contos para contar ao serão, com um vinho das Pias, um queijo de Nisa, um presunto de Barrancos, e uns percebes de Santiago do Cacém.

Mas as minhas raízes aqui não podiam faltar. Barrancos, onde a minha avó nasceu, no início do século passado, onde os meus tios, viveram e os seu netos seguem a tratar do gado e manter a vida e continuidade.

Já escrevi muito sobre “nô di Barrancû”, grafia que não está, e não deve ser estabelecida a não ser como fonetização e não numa lógica de estruturação de língua, dado que o barranquenho é uma fala, dialectal. Transformá-lo em “língua” (o exemplo do asturio-leonês, base do mirandês é completamente diferente, dado que é uma língua antiga

integrada, preservada num espaço) seria condená-la à extinção. O barranquenho é uma língua de séculos de coloquialidade e de invenção, re-invenção, sem regras fixas ou não.

Já escrevi vários livros sobre tudo isto e um, aqui na Colibri está editado, sobre as terras, a formatação do espaço, as comidas, e a resistência. Tudo está dito, tudo está por dizer.

As festas de Agosto são uma marca de água do nosso povo, e estas integram a continuidade da vida que passa pelo tomai e comei todos que é a morte e ingestão do corpo do toiro, no quadro do convívio da devoção mariana que no Alentejo, mais que em qualquer outro local do país, e talvez mesmo do mundo, é a Gaia, que é devotado nos cultos endovélicos com deusa mão e que se transforma na Senhora da Conceição (Conceição).

E embora tantos outros locais houvesse para contar, aliás todos na nossa pátria “chica” não posso deixar de mencionar um exemplo, um ex-libris, um local onde os registos da ocupação humana tem sido revitalizados, onde a história, a verdadeira história tem encontrado eco, onde esse património tem sido consagrado, onde a humanidade parece que se agiganta, um local que já foi porto, já foi capital e que como tantos outros esmorecia no passado do facho, onde estava mergulhado, onde o registo da mesquita estava disfarçado atrás do gesso, onde a ocupação milenar se ia transformando em pó.

Tantos, tantos amigos ajudaram a dar-lhe nova vida e entre esses, dando-lhes substracto ideológico e arqueológico, sendo um companheiro notável e um homem de excepção, está o nosso querido amigo Cláudio Torres (C.T.). Visitar, ver, sentir, provar, respirar o que é Mértola hoje, e os registos do passado, as des-histórias que aqui, a partir se têm corrigido, se tem limpo de tanta porcaria que lhes foi agregada (o mito da invasão islâmica um deles!), e aqui olharmos como as civilizações, os povos mudam mas são sempre os mesmos, como a porosidade das populações se vai colando e justapondo em continuidades sucessivas, e vemos aqui os primeiros povoadores, o momento romano, e com ele o arianismo e como ele torna fácil a passagem ao islamismo, a invasão, essa sim, dos “cruzados” e como esta também se

integra nos quotidianos. Vemos ou imaginamos tudo isso, e temos essa alma grande, que marca o tempo em Mértola, antes e depois de C.T.

Nada do que acima escrevo implica qualquer responsabilidade dele, a não ser a de também ele me ter ajudado, muito a pensar, a ligar os pensamentos, a estrutura-los e a procurar dar-lhes sentidos.

## INVENTANDO ECOS

Foi um dos muitos momentos em que um som, um cântico, uma canção, um assobio prolongado me encheu a alma. Estava nos calabouços do Governo Civil de Pamplona, por uma infantilidade, era o segundo dia, já tinham passado três camaradas pela minha cela. Ao fim da tarde uma voz, feminina e cristalina, entoava o hino do soldado basco (que infelizmente serviu de guarida a um grupo criminal que em democracia política e liberdades públicas tentou impor um regime de terror e matou centenas de cidadãos), logo se ouviram uns improperios e o silêncio. Então começa-se a ouvir a passar de cela em cela um assobio, que cresce, cresce, e nada o parou.

Não sou de hinos, mas duas ou três vezes um arpejo na espinha me fez as lágrimas brotarem dos olhos. O *Va Pensiero*, em muitas ocasiões, o *Bella Ciao*, também, a *Grândola*, e alguns outros hinos de luta e resistência.

Sou um melómano, amante de jazz e de música popular, em geral, e da Holiday, à Amália, da Piaf ao Cohen, do Adriano ao Brel ao Morrison guardo gratas recordações em memória e registos, e de tantos outros.

Ao ouvir uma nova gravação da *Carmina Burana*, que nos remete para tempos de pestes e alienações e das suas contradições, de dogmas e de superação desses, que com uma força imensa mostra a vida, o diverso a irromper, não me atrevi a deixar estes escritos inventados, onde, claro, que todos os signos se articulam para dar sentido ao nada que existe entre eles, não ousei terminar sem falar do som, dos ecos, que iluminam a nossa vida.

Há um nada que estrutura a escrita, os seus símbolos, como as notas que fazem ou desfazem as pautas são o pulsar, a respiração dos sentidos e assim articulam a comunicação, que nos faz homens, nos faz humanidade, com, devido à empatia.

Inventam-nos ecos, que nos transmitem sons desgarrados, ou não, de momentos, de paisagens, de sentimentos e ilusões.

Continuar vivos é dar voz a tudo isso, e mesmo nestes momentos sombrios que vivemos, em que um vírus ou a sua hipótese, nos procuram conduzir a sociedades de vigilância absoluta, baseadas em pânicos e medos inverosímeis, construídos pelos média de serviço ou por agentes de uma bio-política que hoje formata os poderes, temos que resistir, resistir, resistir.

E para isso contar (conto) estórias. Talvez verdadeiras, mas de certeza escritas, aqui.

\* Tema para outros contos, em andamento... sou um entusiasta do “Ancestor’s Tale” de Richard Dawkins e sem ver em tal contradição do “Life on Earth” de E.O. Wilson, sendo que o meu partido é sem dúvida o “Empathic Civilization” de Jeremy Rifkin.

Como uma formiga, em empatia, mesmo sabendo que a vida é seleção e evolução a partir dessa. Os dois biólogos, com concepções diferentes, protagonizam um enorme debate. Penso que nenhum deles deve ser a água do banho, e para a criança, a ciência, a cooperação e a empatia são elementos chave...

## **LENDO O PASSADO NO PRESENTE**

**A** leitura é outra das paixões, outra das nossas paixões. Sou, o que se poderia dizer, um leitor compulsivo. Por ano, em média 150 a 200 livros, além de muitas revistas e jornais. Desses cento e tal, mais de metade, com mais de 200 páginas e algumas dezenas para as 400 ou mais.

E, em quase todos os meus livros vou recolhendo referências, que se acumulam. Há livros que se esquecem e outros que estão sempre presentes.

Podia escrever sobre muitos, mas deixo aqui talvez, meia dúzia.

Li nos originais “Les Bienveillantes” de Jonathan Littell, e “Don Quijote de La Mancha” de Miguel Cervantes, este também já o tinha na tradução de mestre Aquilino.

São dois livros imprescindíveis para conhecer a humanidade.

Conhecer a loucura e os seus caminhos, seja por entre a barbárie nazi seja pelos enredos de romances de cavalaria, são livros pesados de sentido, que levam tempo com o tempo que nos levam, e nesse vamos pensando, e revendo o passado e seguindo, perseguindo a história.

Sou difícil na poesia, mas não posso deixar de mencionar dois enormes, em frente na minha secretaria a edição “Poesia Completa” de Frederico Garcia Lorca, que vem do mais profundo e do que não pode ser dito senão como ele o diz.

E sendo eu um cultor de haikus não podia deixar de mencionar o grande Matsuo Bashô “The Complete Haiku”, sendo que só no japonês se podem observar as métricas.

E verso em prosa “Le Petit Prince” de Saint Exupéry, e “L’Homme qui plantait des arbres” de Jean Giono, dois livros que bordejam em profundidade a ecologia, sem ser a profunda...

Deixei de comprar e é raro e só por obrigação ler seja o que seja que siga o acordês, a perversão linguística que é o mais recente, acordo ortográfico, e sendo um multiglota vou usufruindo sempre que posso nos originais ou em traduções para as línguas comuns que leio... pelo que optei por não escolher escritores nossos, sendo sabido o meu apreço por 2 ou 3, que como referi na poesia sou muito raro.

Livros de política, de outras filosofias, de ecologia e ambiente ou meio, que não é o mesmo, de sociologia e de energia (que tem sido o meu múnus), biografias, onde tenho o mau costume de me interessar por personagens que me inspiram e, normalmente ficar deles desinspirado (livros sobre Gandhi, por exemplo, fizeram-me perder-lhe quase toda a graça!).

Conheci pessoalmente Ivan Ilitch, David Brower, Humberto da Cruz, Alain Hervé, Marco Pannella, só para mencionar os já passado,

e tantos outros, também com livros fundamentais para os nossos tempos. De todos conservo gratas recordações e momentos em arquivo de memória.

Sou, também, um aficionado por livros aos quadradinhos, as B.D.s do meu antigo francês. Ultimamente tem sido editadas de grande qualidade, e tenho algumas, muitas no meu panteão. Mas não posso deixar de recomendar “MAUS” de Art Spiegelman, uma história real do ascenso e vitória do nazismo, e de quem por ele foi triturado. Seremos todos se não nos empenharmos nas leituras contra o domínio do supérfluo, o domínio das mentiras e deturpações do digital, se não virmos, lermos e pensarmos.

Outras formas de leitura são as exposições, os museus, e tenho tantos, tantos para recomendar que me fico por dois, onde também temos jardins, que são outro monumento, a Gulbenkian e Serralves, mas por todo o país e por tantos outros locais temos sempre um pouco de arte a fazer o tempo e o espaço.

E para acabar, não me posso esquecer do cinema, e contar outras estórias. Antes do 25 de Abril, além das proibições muitas, e das limitações, víamos quase todos os filmes (lembrem-se do “Cinema Paraíso” de Giuseppe Tornatore, filme feito com os beijos cortados de centenas de filmes!) cortados e esfrangalhados. Eram célebres as sessões dos cineclubes e especialmente as do cinema Monumental. Salas cheias e bufos, pides por todo o lado, mas que não conseguiam evitar os protestos e até palavras de ordem. Não esquecerei o “Pierrot, Le Fou” de Jean Luc Godard que ia provocando uma sublevação. Voltei a vê-lo e a revê-lo mais 5 ou 6 vezes. Está no meu top.

Com o “Johnny Guitar”, de Nicholas Ray, e outros de Bunuel, Welles, e da Agnés Varda não posso deixar sem referência o notável “Os Respigadores e a Respigadora”.

Sejamos todos esses para que a vida e a sua continuidade se possam compatibilizar nesta terra. Amén!